



*Contributos para o Estudo do
Golpe Militar de 25 de Abril de 1974*

Fernando Sottomayor*

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
História Política na Época Contemporânea
Fernando Carlos Cerqueira Gomes Sottomayor
Ano: 2007 / 2008

"não se contesta que a História Contemporânea de Portugal também nos apresenta uma tradição de Autoridade. O que se diz é que ela representa, em nossa opinião, aquela faceta mais sombria e menos racional, mais excessiva e menos equânime que, inapelavelmente, se revela igualmente nas personalidades individuais. O homem oscila entre o Anjo e a Besta – Pascal o disse. A cada um de nós incumbe o trabalho de vigilância e de auto-reflexão que nos faça inclinar mais para a racionalidade resgatadora do que para as forças desagregadoras da bestialidade. A identidade nacional repousa, pois, na história. Mas a história da Nação, nós a fazemos todos os dias – porque todos os dias sobre nós impende essa radical responsabilidade de escolher uma memória que possamos continuar e à qual queiramos permanecer fiéis".

Amadeu Carvalho Homem, "Identidade Nacional e Contemporaneidade", in, Revista de História das Ideias, vol. 17 (1995), Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, p. 596.

a historiografia demonstrará que a falência histórica da corrente reformista no interior do Estado Novo - o marcelismo foi a última das oportunidades perdidas - há-de buscar-se em circunstâncias de ordem interna que se manifestaram na incapacidade do regime e das suas elites, entre 68 e 74, desatarem o nó górdio da guerra colonial e, com isso, viabilizarem um processo de transição para a democracia. O golpe militar que se sucedeu foi o fruto desse impasse, e as particularidades que revestiu ajudaram ao despoletar de uma verdadeira situação revolucionária que mudaria a face do país e marcaria duradouramente a génese e o futuro da democracia portuguesa.

Fernando Rosas – Opinião, in www.aph.pt/opiniao/opiniao_0399.html, 1999

O Plano

A seguir à Intentona das Caldas o Governo pretende reforçar a segurança de Lisboa, pelo que ordena o envio de cinco Carros de Combate M-47 de Santa Margarida comandados pelo Alferes Fernando Sottomayor para Lisboa, onde ficam sedeados no Regimento de Cavalaria 7, paredes meias com o Palácio de Belém. Esta força é visitada, logo após a sua chegada pelo Brigadeiro Junqueira dos Reis, Segundo Comandante da Região Militar de Lisboa, que fica notoriamente agradado.

A Acção

Com unidades militares por todo o país, o plano estava gizado de maneira a que cada um acesse às estações de rádio e aeroportos, depois de neutralizadas as chefias superiores de cada unidade.

Desde Santarém até ao Terreiro do Paço.

Os únicos, com um longo caminho a percorrer são os de Santarém que têm como missão ocupar o centro nevrálgico do Terreiro do Paço, à altura sede dos principais ministérios e onde se poderia efectivamente neutralizar o Governo.

Das poucas Unidades não aderentes, a mais bem equipada e armada era Cavalaria 7. Regimento de confiança do antigo regime, comandado pelo Cor Romeiras Júnior, antigo ajudante de campo do General Costa Gomes e cunhado do, então, Sub-Secretário de Estado do Exército, Tenente-coronel Viana de Lemos. Esta Unidade, por ironia do destino e por coincidência, chegou ao Terreiro do Paço ao mesmo tempo, minuto e segundo, que a Escola Prática de Cavalaria (Santarém).

Por tudo o que foi dito até agora, poucos dados eram segredo. Os poucos merecedores dessa classificação podiam facilmente deduzir-se pelas movimentações, comunicados, decretos, notícias.

No seio das F.A. a efervescência pronunciava o tão falado golpe.

Relato

Como Alferes Miliciano de Cavalaria competia-me cumprir as ordens superiores.

No pronunciamento de Tancos, abortado à partida, recebi ordens para comandar uma força que fizesse guarda à ponte da Chamusca. O esquema de segurança foi montado mas não se passou nada. As interrogações quanto à operação ficaram sempre sem resposta.

O 16 de Março coincide com um dia em que eu estava de Oficial de Dia ao Regimento da Cavalaria 4, no Campo Militar de Santa Margarida. Por volta das sete da tarde, sou informado que vão entrar uns camiões com pessoal implicado no golpe das Caldas. Tento contactar o Comandante da Unidade mas sem êxito. Um coronel que os acompanhava, com modos irascíveis, mandou-me proceder ao alojamento e servir jantar, enfatizando que deveriam ser mantidos incomunicáveis.

Uma das casernas estava, nesse momento, desocupada e alojei-os aí. Seriam uns sessenta. Tinham acabado de começar a sua preparação militar.>Teriam menos de um mês de serviço, não passavam de crianças assustadas. Tinham-nos metido num camião e enviado para Lisboa e eles... foram. Vêm-se agora numa situação que nem sequer entendem. Quando, pelas nove e meia da noite, regressa o dito coronel e inspecciona as instalações começa de imediato aos gritos comigo, porque a televisão estava ligada e eles deveriam estar, conforme as suas instruções, incomunicáveis. Argumento que "os miúdos", coitados, foram apanhados que estão assustados, que nem sabem o que lhes aconteceu. Relutante, mando desligar a televisão e sou informado que o Coronel pretende uma sala para efectuar interrogatórios.

Na ausência do Comandante, depois do toque de Ordem às cinco da tarde, o responsável é o Oficial de Dia e a situação não me estava a agradar.

Como o edifício era térreo, apercebo-me, do exterior, da violência verbal do interrogatório. Já não deixo entrar o segundo e informo o coronel que sem a presença e o consentimento do

Comandante terá que interromper de imediato os interrogatórios. Esbracejando, praguejando, vociferando lá acabou por sair acompanhado do seu ajudante.

No dia seguinte os rapazes regressaram à sua base e o Comandante nunca falou comigo sobre o assunto. De salientar que o Comandante era o Coronel Craveiro Lopes, filho do antigo Presidente da República e conhecido pela sua dureza.

Poucos dias passados, também já depois do toque de Ordem, estando eu na Messe de Oficiais, vi chegar um carro com capitães da arma. Entram na messe e sentam-se com o Comandante numa mesa afastada.

“Seus garotos!!!” – grita o Comandante, pouco depois.”Ponham-se daqui para fora antes que os corra à bofetada”. E eles saíram. Fácil é adivinhar a conversa, quando se queria saber de que lado estava quem. Mas a história ficou por aí. Ninguém foi preso, só tratados como meninos que fizeram uma asneira.

Cada vez me interrogava mais: ninguém faz nada. Nem o papão da PIDE/DGS desde o tempo da Faculdade, nem os intocáveis do regime agiam.

No dia 22 de Março comenta-se no Regimento que um pelotão de carros (5) vai para Lisboa reforçar a Região Militar.

Haveria que preparar um comboio especial, seguir todas as regras e manuais.

Pressinto que não há ainda uma definição de quem comandará essa força o que me deixa perplexo: sou o oficial mais antigo, comandante do esquadrão operacional e farto de fazer exercícios para o SHAPE/NATO ver.

Não se tratava de uma decisão militar, teria a ver com Segurança do Estado.

Mas nessa mesma manhã sou encarregado da missão.

Naquele comboio enorme, por razões de distribuição de peso, cinco carruagens vazias uma com carro, mais uma de passageiros onde ia eu, as tripulações e um senhor de fato castanho que se apresentou como funcionário da CP e que de comboios sabia menos que eu.

Lentamente prosseguimos até entrar em Lisboa por linhas de mercadorias incluindo um túnel entre o cemitério dos Prazeres e a Avenida de Ceuta desembocando perto da Avenida das Índias (marginal) onde descarregamos os carros e esperamos pela madrugada para circular em Lisboa até Cavaria 7 sem que a população se apercebesse. Um dos carros é

requisitado pelo Depósito Geral de Material de Guerra (Capitão Salazar Morais) e vai para Beirolas, mas sem pessoal.

A 14 de Abril foi a Páscoa nesse ano. Consegui licença para vir a casa e lembro-me de ter dito a um grupo de amigos que discutia a situação: “Em Agosto faço anos e vou tirar férias e a revolução já vai estar feita”. Ninguém acreditou: “Este país é de brandos costumes não é de revoluções”, diziam. Tranquilamente, não consegui fazer-lhes entender as razões da minha afirmação. Alegavam que a cerimónia de afirmação de apoio pelos oficiais generais tinha sossegado tudo e todos. Mas se foi exactamente a chamada “Brigada do Reumático” que clarificou a eminente situação de ruptura.

No dia 24, à tarde, entrou à porta de armas do RC7 um capitão, trajando fato de treino azul, comunicou-me, levantando o polegar da mão direita, “é hoje”, saindo de seguida de forma bastante discreta

Vencido pelo sono, deixei-me dormir sendo acordado pelo ruído dos motores das AML Panhard e das Chaimite, viaturas ligeiras de reconhecimento do 1º Esquadrão.” Estes já vão”, disse eu para comigo. Lá ia o meu amigo Alferes David e Silva. Levanto-me e pouco tempo depois saem as EBR e ETT Panhard, viaturas médias de reconhecimento do 2º Esquadrão, estas comandadas pelo Tenente-coronel Ferrand de Almeida ⁴. Em termos militares, aceita-se a saída de viaturas até médio porte, o que não é considerado alarmante.

Quando o próprio Comandante do Quartel, Coronel Romeiras, me chama e me dá ordem de pôr os Carros de Combate (CC) em ordem de marcha, e vejo que chega esbaforido o 2º Comandante da Região Militar de Lisboa, Brigadeiro Junqueira dos Reis, caio em mim e penso que no Terreiro do Paço o panorama deve estar de confronto aberto. Não era suposto eu sair com os Carros de Combate.

¹ Venho a saber mais tarde que entra pelo Terreiro do Paço, julgando ter encontrado as nossas tropas e é – lhe dada voz de prisão por Salgueiro Maia. Terá de ser o Alferes David e Silva a fazê-lo com total relutância.” *O TCor Ferrand d’Almeida entra no Terreiro do Paço, pela Ribeira das Naus, e é confrontado com os blindados com o logótipo RC7. Julgando que eu tinha a situação sob controlo,*

pede-me que lhe transmita qual o ponto da situação, ao que lhe digo que estava com a EPC, sem adiantar os motivos porquê. Assim pergunta-me se era alguma coisa dos “comunistas”, (quão enganado estava) ao que retruquei ser sob a égide do General Spínola e que, infelizmente, tinha de lhe dar voz de detenção, pelo que iria trazer à sua presença um Oficial mais graduado, o Coronel Abrantes da Silva, recém chegado ao local. Entregou-me a pistola e afirmou que só se renderia a um Oficial da sua Unidade, eu. À sua passagem pelos militares do RC7, todos, sem excepção, sem qualquer ordem minha, como Cmdt. De Esquadrão, apresentaram armas”, relata David e Silva

Já não iria ser possível evitar um banho de sangue. Para isso caminhávamos. Quando o Comandante tem de sair da Unidade a situação está complicada, e o sucesso da missão é imprevisível, já hipotecou a reserva, o material pesado, os Carros de Combate.

Sáímos com os quatro carros. No CC Comando o Coronel Romeiras, eu e a guarnição. No 2º CC o Brigadeiro J. Reis, e os outros dois com as respectivas guarnições.

Que se passará com as Panhards? ”Não sei bem”, diz-me o Coronel Romeiras.

Com várias paragens para que o Brigadeiro se inteirasse junto das comunicações instaladas no seu *jeep*, da situação geral, lá fomos chegando ao objectivo.

A situação era muito complicada. As duas forças que tinham saído estavam viradas contra mim. Com os meus binóculos vejo-os bem. Eram 200 metros que me separavam dos que fizeram o curso de oficiais comigo e tinham ficado em Santarém mais aqueles com quem convivia diariamente em Cavalaria 7.

Seguem-se várias tentativas de negociação com o MFA, com os conhecidos ataques de fúria do Brigadeiro Junqueira dos Reis.

Na Rua do Arsenal, o Brigadeiro Junqueira dos Reis dá ordem de fogo sobre o Tenente Alfredo Assunção, que fora enviado por Salgueiro Maia para negociar com as forças de Junqueira dos Reis. Tendo sido desobedecido pelos seus militares, acaba por dar três murros no Tenente Assunção, que sem perder a compostura lhe faz a saudação militar e recua para o lado das suas forças.

Do alto do meu Carro de Combate pergunto ao Coronel Romeiras se tem alguma saída para acabar com a situação de confronto eminente. De lágrimas nos olhos diz-me: “Mas se somos todos amigos.”

Entretanto a população civil, não fazia ideia do que se passava. Saia dos cacilheiros e a passos rápidos, como todas as manhãs, dirigiam-se para os seus locais de trabalho, serpenteando entre o cenário de confronto, em plena Rua do Arsenal.

Advirto o Coronel Romeiras para o perigo eminente de termos baixas entre os civis e sugiro avisar o “inimigo” de que faria fogo para o ar só para assustar os civis. Obtida a autorização e depois de ter avisado uns e outros, dou duas rajadas com a metralhadora da torre e, dado o ruído ensurdecedor que essa metralhadora faz, o resultado não se fez esperar: desapareceu toda a gente tão rapidamente que me deixou surpreendido.

O furriel Clemente comandava a secção que estava na Rua Ribeira das Naus e, via rádio, informa-me que um Oficial lhe dá ordem para avançar. Avançar para atacar ou para se juntar? Eu não os via dada a posição em que nos encontrávamos. Peço que me esclareça quem lhe dá a ordem e quais as intenções, sendo a resposta negativa. Informo o Coronel Romeiras, que está mesmo ao meu lado mas não tem acesso a apoio rádio pois é de auscultadores. Olho-o nos olhos e só o vejo a abanar a cabeça. Como vi que o Brigadeiro estava ali, pensei que não tinha problema e pelos auscultadores ouço o meu amigo Alferes David e Silva: “Eh pá, cuidado que eu estou aqui”. “Está tranquilo”, respondo eu. E penso: o Brigadeiro esta não vai aguentar. De imediato as forças do Terreiro do Paço posicionaram um dos carros na Ribeira das Naus e outro na Rua do Arsenal. Quando ele viu surgir um dos carros à sua frente foi o desespero.

O MFA tinha agora meios. Até ai o seu poder de fogo era fraco e limitado.

De imediato vou com um dos dois carros que ficaram para a Ribeira das Naus, por ordem do Brigadeiro.

Alterado dirige-se ao *jeep* de comunicações e comunica o sucedido. Era evidente que tinha confiado nos carros para ganhar o confronto e estava sem os meios que julgava suficientes. A conversa que teve não sei quem foi nem o que foi dito. Sei que se dirige para o meu carro e entrando dá-me ordem de arrasar o Terreiro do Paço. E eu tão bem quanto ele sabia que isso era possível. Olhando pelos complicados meios ópticos e, tentando uma manobra de diversão, girando a torre, vejo milhares de pessoas no cais dos barcos para Cacilhas que estavam na mesma linha de mira que os oponentes do Terreiro do Paço. Giro a torre para o

estuário do Tejo na esperança de o contentar mas não acertar em ninguém. Embora tivesse visto um navio da Armada e um petroleiro enorme que me barravam espaço livre para fazer fogo, recebi do Brigadeiro a ordem: “Não se ponha com brincadeiras, aponte ao inimigo”.

“Não, não faço isso”, respondi tranquilamente. Colérico ordena que lhe entregue a minha pistola Walter que trazia à cintura. É essa mesma pistola que me aponta e repete a ordem. Não lhe respondi.

Manda-me sair do carro e entrar para um *jeep* Entrega-me a um senhor de fato castanho a quem dá a minha arma e diz: “Você já estragou a sua vida”. Ainda ouço o Brigadeiro a ordenar ao meu Cabo Apontador que faça fogo ao que ele responde: “Sem o nosso Alferes a gente não faz nada”. E o *jeep* arrancou em direcção ao Quartel da Polícia Militar. Eu levava no íntimo a satisfação da fidelidade dos meus soldados.

Conseguir progredir desde o Terreiro do Paço como factor determinante

Simultaneamente o Capitão Salgueiro Maia sentiu que já não podia ser detido na sua acção e avança para o Quartel da GNR no Carmo onde se encontrava Marcelo Caetano.

Bibliografia

COSTA, Eduardo Fernando Alves(TCor Cav), *Regimento de Cavalaria 4 – 240 Anos ao Serviço do Exército e da Nação*, Regimento de Cavalaria 4 , Campo Militar de Santa Margarida, 2002

ROSAS, Fernando, *O “25 de Abril” e a História a fazer*, Associação dos Professores de História, exclusivo Internet, www.aph.pt/opiniaio/opiniaio_0399.html

ROSAS, Fernando [1994], *O Estado Novo (1926-1974)*, vol. VII de MATTOSO, José (dir.), História de Portugal. S.l.: Círculo de Leitores.

PAIS, Alexandre, Ribeiro da Silva, *Capitães de Abril*, vol. I, Amigos do Livro, Editores.Lda, Lisboa, 1974

PINTO, Jaime Nogueira, *O fim do Estado Novo e as origens do 25 de Abril*, Difel, 1999, ISBN: 972-29-0301-2

*Alferes do exército em 1974, integrou o golpe militar do 25 de Abril. Frequenta a Licenciatura em História na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.